

PEREYRA (Carlos). — *Breve historia de America*. Tercera edicion. México, Aguilar (1949). 644 p.

O nome de Carlos Pereyra impôs-se no consenso unânime dos estudiosos como o de uma das maiores autoridades em história americana, principalmente da América Espanhola. Nascido no México em 1871 e falecido na Espanha em 1942, afora algumas incursões no terreno da diplomacia, dedicou-se sempre à historiografia, deixando, entre outras, as seguintes obras: "Bolívar y Washington, um paralelo imposible" (1915), "Lopez y la guerra del Paraguay" (1919), "La conquista de las rutas oceanicas" (1929), "La obra de España en América". Sua obra máxima, entretanto é a "Historia de la America Española", em 6 volumes, publicada em 1920 e que se tornou clássica, talvez a maior obra de conjunto que sobre o assunto se escreveu até hoje. Dêste seu trabalho, extraiu uma síntese, em um volume, ao qual acrescentou capítulos sobre as áreas não hispânicas do continente americano, volume este de que conhecemos a terceira edição, publicada em 1949 (México, Aguilar, 644p.). Não há no volume nenhuma referência à data da primeira edição, que parece ser dos últimos anos de vida do historiador.

Desnecessário é salientar o interesse que para os estudantes em geral pode oferecer um trabalho dessa natureza, em que não se arrolem apenas os fatos de ordem política ou administrativa, mas, ao contrário, apresente-nos uma história da civilização americana. Ninguém mais indicado para empresa de tamanha responsabilidade do que o sr. Carlos Pereyra. Depois da análise, a síntese. Depois de uma obra de fôlego, como a sua grande "Historia de la America Española", uma "Breve historia", não apenas da América Espanhola, mas com páginas dedicadas ao Brasil, aos Estados-Unidos e ao Canadá, que o sr. Carlos Pereyra sempre ignorou.

Imensa a satisfação para todos nós em ver a história brasileira tratada por um historiador hispano-americano, num livro editado na América Espanhola. A argúcia, a clarividência, o bom senso sempre demonstrado pelo historiador mexicano aplicados numa apreciação da história brasileira! Quanto isto poderia contribuir para divulgar entre os povos de língua espanhola uma noção verdadeira da evolução histórica de nosso país! Infelizmente não correspondeu à realidade a nossa expectativa. O intérprete sagaz da civilização hispano-americana nem de longe aparece nos capítulos dedicados ao Brasil, onde não fez cousa senão repisar — e nem sempre de maneira exata — aquilo que mil e um compêndios vêm há muito repetindo. Apenas uma vez quis o sr. Carlos Pereyra ser pessoal e nesta mesma, conforme veremos, longe esteve de traduzir a verdade.

Em que pese o respeito que merece a memória do ilustre historiador mexicano, não podemos deixar sem réparos a sua "Breve historia de America" na parte referente ao Brasil. Se em nada poderão afetar a obra em aprêço, poderão ao menos servir de advertência a outros autores, ou editores para que tomem mais cuidado ao escrever ou editar sobre assunto de tanta responsabilidade, evitando passar para o papel leviandades e absurdos que apenas comprometem a cultura e a honestidade de autores muitas vezes de tanto renome e de tão larga projeção.

Ou por ter sido mal informado, ou por leviandade, foi longe demais o sr. Carlos Pereyra ao interpretar certos fatos da história brasileira. Aliás, já há muito alguém nos chamou a atenção para as suas raras incursões pela história de nosso país, levando-nos a ler o que, a propósito, escreveu o sr. Gustavo Barroso em seu livro "O Brasil em face do Prata": "O brilho estilístico e a cultura fora do comum do escritor mexicano Carlos Pereyra não o absolvem de suas leviandades como historiador. Nunca houve quem jogueteasse mais com as palavras em assuntos de natureza muito séria, atirando à face de seus leitores afirmações rápidas e sintéticas, que à primeira vista impressionam". Tais conceitos escritos à propósito de um livro sobre a guerra

do Paraguai, assunto em que os pontos de vista dos autores hispano-americanos não são os mesmos dos autores brasileiros, fizeram-nos supôr, de início, apenas uma preocupação de polêmica patriótica, em que o escritor cearense não teria sido muito justo para como Sr. Carlos Pereyra.

A leitura dos capítulos sobre o Brasil do livro em aprêço, fez-nos mudar de opinião quanto à restrição que então fizemos ao sr. Gustavo Barroso. O que se refere ao período colonial saiu-lhe mais ou menos, baseando em tantos compêndios que por aí andam a "contar a história" desse período. Insiste na preocupação de imperialismo brasileiro, não fugindo à norma geral entre os historiadores hispano-americanos, a qual encontra defensores mesmo entre os nossos patricios. Onde, porém, chega a disparatar os fatos é na parte referente à República, o que tanto é mais grave por se tratar de período vivido pelo autor.

Enumera todos os presidentes republicanos até 1930, enganando-se apenas no que se refere à substituição de Deodoro que "exerció el poder hasta que murió sin terminar su periodo el 23 de noviembre de 1891" (p. 449). Onde a revolta da armada e o movimento revolucionário que depôs o proclamador? Todavia, ao descrever a revolução de 1930 foi que sua imaginação (ou leviandade?) mais trabalhou. Transcrevamos: "El Dr. Washington Luiz pudo haber terminado pacíficamente su periodo, a pesar de la baja del café. Pero el mismo decretó su ostracismo por haber burlado las reglas del juego electoral. Era ley, no escrita, que a un presidente de São Paulo le sucediese otro de Rio Grande do Sul. Los dieciocho Estados restantes aceptaban esta alternabilidad. Washington Luiz, de São Paulo, debía dejar el puesto al Dr. Getúlio Vargas, de Rio Grande do Sul. Pero Washington Luiz apoyó la candidatura del Dr. Julio Prestes, y el candidato oficial obtuvo una gran mayoría. La de Vargas en Rio Grande do Sul fué arrolladora. Minas Geraes y otros Estados le apoyaban. Al iniciarse el levantamiento en Rio Grande do Sul, el 3 de octubre, lo secundaron Pernambuco, Rio Grande do Norte, Goyaz, Paraná, Matto Grosso, Minas Geraes y casi todos los demás" (p. 449-450).

A 23 de outubro, revoltou-se a guarnição do Rio, sendo o presidente deposto e detido no Forte de Copacabana. Muito bem. Qual, entretanto, o caráter que assumiu a revolução de 30 aos olhos do historiador mexicano? Vale por uma página de alta comicidade. "El más importante de los hechos de armas, que se llamó batalla de Itararé és notable por no haber habido tal batalla, según los escépticos. La presidencia era lo, de menos. El levantamiento nacional se hizo contra las pretenciones absorbentes de São Paulo, que representaba el extranjerismo agudo". Enfim, imperialismo paulista é o que vê o sr. Carlos Pereyra. Para prová-lo, repete o "slogan" da locomotiva tirando vinte vagões vãos e descreve a que, a seu ver, dava real importância a S. Paulo: "metropoli de una colonia" onde havia indústria e outros centros de cultura. Por exemplo, uma penitenciária modelar, onde os criminosos entram por uma porta furiosos, com "los puños crispados" e saíam por outra, sendo a Política" de Aristóteles... o Butantã e um cemitério sem cruz e sem mortos (!), de difícil identificação: "Se mostraba al forastero un cementerio no estrenado, sin cruz y sin muertos, con una urna en la entrada. Más bien que cementerio, era un programa de la futura Higienopolis". (p. 450). S. Paulo impunha a tecnocracia a todo o país: tinha norte-americanos na marinha de guerra, franceses no exército, italianos na aviação e ingleses na fazenda pública.

Tantas e tais leviandades e inexatidões a respeito da história recente de nosso país, levam-nos a indagar o que não haverá no livro com referência a outros países, cuja apreciação escape à nossa alçada. Seria muito melhor que, a exemplo de outras obras anteriores, continuasse o sr. Carlos Pereyra a ignorar a existência do Brasil. Poderia ficar restrito à sua "América Espanhola", sem necessidade alguma de incursionar pela América Portuguesa. Alguma

simpatia que poderia angariar entre os leitores brasileiros jamais compensaria o abalo de um prestígio e dos créditos de um historiador .

ODILON NOGUEIRA DE MATTOS.

SILVA (Bolívar Bordallo da). — *Fatores dos descobrimentos e conquistas no século XV*. Belém do Pará. 1946. 108 pp.

Bem reduzido é o número de intelectuais que, entre nós, se dedica ao estudo dos descobrimentos marítimos nos séculos XV e XVI. Tal assunto, pondo quase sempre em foco questões de prioridade nacional, geralmente arrasta os historiadores a trilhar o caminho do apriorismo e da dogmática, introduzindo dêsse modo elementos perturbadores e mesmo irritantes no campo sereno da história. Assim sendo, o A. merece os nossos aplausos pelo esforço que fez ao elaborar o trabalho que vamos criticar, apenas com o escopo de evitar que nos seus próximos livros sejam repetidos erros que possam prejudicar o bom conceito que, como historiador, goza de seus alunos e colegas.

O trabalho, que passamos a apreciar, divide-se em três capítulos. No primeiro o A. faz uma apreciação geral do assunto que se propõe estudar. O capítulo segundo desdobra-se em três partes a saber: fator religioso, fator social e político, fator econômico. No capítulo terceiro faz o A. um resumo de tudo que escreveu, chegando à conclusão de que, de todos os fatores, o econômico foi o mais importante nos descobrimentos e conquistas do século XV, opinião esta aceita pela maioria dos estudiosos, e que nós também espamos sem vacilar.

Caso tivéssemos necessidade de tratar do assunto de que se ocupa o A., nós estudariamos as seguintes teses: da dilatação da fé, da expansão econômica, da guerra santa e da expansão geográfica. Ao cuidarmos desta última tese, não esqueceríamos de dizer que, tendo de um lado a Espanha adversa e de outro o mar, só restava a Portugal recorrer à empresa dos descobrimentos marítimos que, diga-se de passagem, não foi obra de um só homem, por mais que se procure enaltecer os méritos do Infante D. Henrique, mas de toda a nação portuguesa a partir do reinado de Diniz. Como acertadamente disse Jaime Cortesão, "a luta com o mar foi uma continuação de Aljubarrota; e a primeira vitória que arrancamos às ondas foi a da independência nacional" (1).

Das 108 páginas que contém o livro, apenas 72 são de texto, uma vez que as restantes são ocupadas com o frontispício, o preâmbulo, a bibliografia, o índice, etc. Ora, com um número tão reduzido de páginas em corpo 10, não pôde o A., por maior que seja a sua capacidade de síntese, tratar convenientemente de um assunto tão vasto e complexo como é aquele que empresta o título ao seu trabalho. Daí o A. não transcrever nenhum tópico de documentos, nem mesmo citar alguns deles para justificar as suas asserções, dando-nos a impressão de que apenas teve a preocupação de reunir frases feitas, algumas delas constituindo verdadeiras hipérboles. Como iremos ver, o livro é de um conservantismo quase que absoluto, contendo afirmativas que há muito foram postas à margem em face de modernas investigações históricas. Mas não é só isto. O A. dá-nos a impressão de que, na sua opinião, os descobrimentos marítimos realizados nos séculos XV e XVI, foram obra exclusiva dos nautas portugueses, pois não põe em relêvo o projeto de Colombo e a prioridade que lhe pertence da primeira viagem transoceânica; nada diz sobre as descobertas dos Cabotos; guarda o mais absoluto silêncio sobre as viagens e descobertas dos espanhóis e mesmo de Vespucci que,

(1) "Revista Portuguesa", S. Paulo, 1930, tomo I, fascículo 1.º, página 5.